

Pior que a instabilidade

RAUL PILLA

CONTRA o parlamentarismo argumenta-se com a instabilidade dos ministérios, instabilidade só observada na França e já sobejamente explicada. Atenhamo-nos, porém, ao caso da França e concedamos que a instabilidade seja em si mesma um mal. Os ministérios caem ali com grande facilidade e duram pouco, é certo; mas, enquanto duram, governam; enquanto duram, têm autoridade, embora não tanta, quanta teriam no sistema parlamentar verdadeiro.

Vejamos agora o que pode suceder no sistema presidencial. Temos há dois anos e meio um ministério sem autoridade, um ministério que verdadeiramente não governa, porque surgiu já sob a ameaça de ser despedido a um simples aceno presidencial. E' certo que êle tem durado. Mas à custa do pundo-nor dos ministros.

Tão triste espetáculo seria impossível no sistema parlamentar. O ministério poderia cair, possivelmente já teria caído, mas, enquanto não caísse governaria plenamente, porque teria a sustentá-lo uma maioria parlamentar, e, quando caísse seria substituído dentro de alguns dias, por outro que dispusesse da maioria. Não poderia produzir-se esta situação crepuscular, esta situação duvidosa, em que os ministros não podem saber, se são ou não são ministros, por depender a sua existência, ou do humor do presidente da República, ou das intrigas do paço presidencial.

Muito pior do que a instabilidade, graças à qual os ministérios vêm e vão com uma onda da opinião, não será esta «apagada e vil tristeza», em que tem vivido o atual ministério? E merecerá o nome de estabilidade a condição em que o ministério está todos os dias a cair, para todos os dias tornar a levantar-se?